

A mística poética de Adélia Prado: os sentidos de uma paixão

Rodrigo Portella*

RESUMO

O artigo visa descortinar a visão teológica e eclesiológica presente na poesia de Adélia Prado. Assim, por meio da análise de extratos de sua poesia, busca-se compreender a relação da poetisa com a fé e com a Igreja Católica, relação esta marcada pela transgressão do tradicional e do ortodoxo e pela experiência pessoal da autora com o mistério divino.

Palavras-chave: Adélia Prado, poesia, erotismo, catolicismo.

ABSTRACT

The article seeks to pull the curtain the theological and eclesial vision in Adélia Prado poetry. Like this, through the analysis of extracts of his/her poetry, it is looked for to understand the poetess's relationship with the faith and with the Catholic Church, relationship this marked by the transgression of the traditional and of the orthodox and for the author's personal experience with the divine mystery.

Keywords: Adélia Prado, poetry, eroticism, Catholicism.

"(...) a poesia é o rastro de Deus nas coisas"
(Adélia Prado, *O despautério*)

* Licenciado em História (FFSD-RJ), Bacharel em Teologia (EST-RS) e Mestre em Ciências da Religião (UMESP-SP).
Endereço: Rua Mariano Procópio, 1386 / 605 – Juiz de Fora – MG – CEP 36080-010. E-mail: rodrigo@portella.com.br

Introdução

O texto que ora se apresenta quer ser uma contribuição para que se perceba, na literatura brasileira, os "rastros de Deus" que se fazem sentir, de forma explícita ou implícita, nos meandros de textos, contos ou poesias. Escolhemos a poesia e Adélia Prado para representar, aqui, a presença do divino nos sentimentos e penas de autoras brasileiras dedicadas à poesia. E compreendemos que Adélia Prado representa, de forma bastante significativa, a sensibilidade feminina no sentir o divino e discorrer liricamente sobre ele. Por sua biografia e seu catolicismo mineiro, Adélia nos faz entrar em um mundo teopoético que mistura prazer e dor, desejo e angústia, cheiros e cores, beleza e crítica. Ela será nossa guia nos caminhos da alma em sua relação com o divino.

Quanto à metodologia deste artigo, é preciso informar o seguinte: a análise da obra poética de Adélia Prado realizou-se a partir das poesias reunidas no livro *Poesia reunida*¹, que congrega o conteúdo de todos os seus livros poéticos anteriores a 1991. Há, nas poesias ali reunidas, um sem fim de referências a Deus ou às questões religiosas. Pinçamos, porém, aqueles fragmentos poéticos ou poesias que mais nos pareceram reveladores do pensamento da autora, segundo nosso entender. As poesias, em seus extratos, quando aparecem no texto, são sempre referenciadas nas notas de rodapé pelo seu título. Algo que também deve ser dito é que Adélia, em seus poemas, expressa a si, o que pensa e sente, mesmo que poesias pareçam querer descrever histórias de outrem ou de personagens fictícios. Adélia, sentimentos e pensamentos estão por de trás de suas poesias. Lê-las é lê-la.

Outra informação importante é a forma de divisão deste trabalho. Observamos e pontuamos cinco temas que, *grosso modo*, podem ajudar a compreender o pensamento religioso da autora em sua expressão poética. São eles: relação crítica com a

1. PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

Igreja (2º capítulo deste trabalho); religião e erotismo (3º cap.); ira de Deus/angústia/libertação (4º cap.) e sua relação fraterna com a Igreja e ressurreição (5º cap.). Esta foi uma divisão aleatória, mas, não obstante, pretende ser didática.

1. Alguns dados biográficos de Adélia Prado

Adélia Prado tem a biografia típica – ou tipologizada – de uma mulher mineira e católica do interior de Minas de meados do século XX. Nascida em 13 de dezembro de 1935, em Divinópolis, viveu e vive em sua cidade natal, ininterruptamente. Filha de um ferroviário e de uma dona de casa, viu sua mãe falecer ainda cedo, em 1950. É a partir de 1950, também, que Adélia começa a escrever seus primeiros versos. Concluiu o curso ginásial em um colégio católico, realizando, em seguida, o curso de magistério. Formada professora, passa a lecionar no Ginásio Estadual de Divinópolis, a partir de 1955. Em 1958 casa-se, em Divinópolis, com José Assunção de Freitas, funcionário do Banco do Brasil. Cinco filhos nascem dessa união. Em 1966, ela e o marido iniciam o curso de Filosofia na *Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras* de Divinópolis, vindo Adélia a formar-se em 1973.

Em 1973, Adélia envia alguns de seus poemas para o crítico literário Affonso Romano de Sant'Ana, que os submete à avaliação de Carlos Drummond de Andrade. Em 1975, Drummond sugere a publicação dos poemas. Assim, a estréia literária de Adélia Prado se dá em 1976, com o livro de poesias *Bagagem*, cujo lançamento foi prestigiado por vários nomes da literatura nacional. Daí em diante lança vários livros, de poesia e de prosa, tais como *O coração disparado* (1978), *Soltem os cachorros* (1979), *Terra de Santa Cruz* (1981), *Os componentes da banda* (1984), *A faca no peito* (1988), entre outros. Em 1991 lança *Poesia reunida* que, como diz o nome, reúne sua obra poética. Tal livro foi relançado em 1999. Adélia também escreve obras para teatro.

Durante todo este tempo – até 1979 – Adélia foi professora em Divinópolis, em diversos colégios e na faculdade local, lecionando *Religião, Moral e Cívica, Filosofia da Educação, Introdução à Filosofia e Relações Humanas*. Veio a interromper sua atuação como professora em 1979, devido à fremente atividade que a carreira literária lhe impunha. Entre 1983 e 1988, entretentes, exerceu o cargo de chefe da divisão cultural da *Secretaria de Educação e Cultura* de Divinópolis. Adélia relata que, num período de “deserto”, viveu de 1987 até 1993 profunda depressão, chegando a buscar auxílio psiquiátrico. Sua formação e confissão religiosa é católica, e suas poesias estão permeadas de sua crença.

2. Católica apostólica romana independente: tradição e transgressão teopoética

A poesia me salvará. / Falo constrangida, porque só Jesus Cristo é o Salvador, / conforme escreveu um homem – sem coação alguma – atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança de Congonhas do Campo. / No entanto, repito, a poesia me salvará. / Por ela entendo a paixão / que ele teve por nós, morrendo na cruz. Ela me salvará, porque o roxo das flores debruçadas na cerca / perdoa a moça do seu feio corpo. / Nela, a virgem Maria e os santos consentem / no meu caminho apócrifo de entender a palavra / pelo seu reverso, captar a mensagem pelo arauto, / conforme sejam suas mãos e olhos. / Ela me salvará. / Não falo aos quatro ventos, / porque temo os doutores, a excomunhão / e o escândalo dos fracos. / A Deus não temo. / Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida / da brutalidade das coisas?

(Guia)

Começamos com uma constatação: Adélia é católica e respeita a Igreja como parte de si². Mas ela reinventa o catolicismo nas emoções de seu corpo e alma. Assim, ousa dizer: ‘a poesia me salvará’. Adélia acredita que o emotivo, o sensorial, o poético, aquilo que expressa alma e corpo é o que nos redime da brutalidade do mundo. No

2. Veremos sua relação fraterna com a Igreja no capítulo 5 do presente trabalho.

entanto, ela fala “constrangida”, pois reconhece o dogma: “salvação? Só em Jesus”. Sutil, o reconhecimento da tradição é, no entanto, pela via da “desconfiança”: “conforme escreveu um homem”. Dizer que Jesus é salvador é válido, mas é algo não necessariamente existencial. É ‘conforme se diz’ ou constatação ‘escrita em uma lembrança’.

Adélia, com muito respeito, insiste em seu ponto de vista: “No entanto, repito (...)”. Ela não diz que a poesia salvará a humanidade. A humanidade pode ter Jesus como salvador. Mas a poesia salvará ela, Adélia (“me”). Adélia não questiona o dogma, mas impõe-se existencialmente ao aplicá-lo a si. Pois, a poesia se constitui em meio de salvação, justamente, porque ela dá a forma de compreender a paixão de Jesus. A salvação tem relação com o corpo, existência concreta. O “roxo das flores” (espelho simbólico da paixão) salvará o “corpo feio da moça”. Aqui já se vislumbra um tema pradiano (ou pradano): o *Eros*. Salvação, perdição, Deus, têm relação com o corpo, com o prazer, com a beleza. Salvação é salvação do corpo, dos sentidos. Mas voltaremos a este tema adiante.

A poesia é um salvo-conduto para Adélia re-visitatar o catolicismo, seus dogmas e tradições. Pois, nela “santos e a Virgem” consentem, como forma de driblar as teologias ortodoxas e entender Deus, salvação e temas co-anexos de forma não linear, nas curvas de um “caminho apócrifo”, que entende, sim, a palavra bíblica/eclesiástica, mas em seus “reversos”. Santos e Virgem consentem, mas a Igreja... Há dúvidas, e por via delas, Adélia prefere falar baixinho, de forma cifrada, pois teme os “doutores”, teme a “excomunhão” – e aqui se vê o quanto a poetisa valoriza a Igreja – e teme, ironicamente, os ouvidos não preparados para sua teopoética. Mas Deus ela “não teme”. Com Ele, ela pode reinventar livremente, com as marcas de seu corpo e sensibilidade, a fé. Com a Igreja – seus dignatários – respeito. Com Deus, intimidade. Ao menos na expressão do cantar de sua alma.

O tema do respeito e amor pela Igreja, que convive com a sutil crítica a ela e reinvenção teológica, se dá em vários fragmentos poéticos. No poema de título sugestivo, “A catecúmena” – que parece ser autobiográfico – Adélia mostra seu catolicismo independente, pois “(...) Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida, / disseram delicadamente: / vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese deste texto. / Assim fizeram. Ela foi admitida; com reservas.”³. A autora, antes, refere-se, no poema, à interpretação que a catecúmena faz da ressurreição, que ela valoriza em seu aspecto corporal, do desfrute da natureza (em todos os sentidos da palavra natureza). Adélia se mostraria, desde cedo, uma católica de vanguarda na compreensão da fé. Sua fé, classificada como “ávida”, dá o sentido de uma fé que vai além daquela que era oferecida pela Igreja. E, o mais curioso, é que sua fé questiona e faz pensar, a ponto dos catequistas admitirem “reverta nova exegese”. O poema, no entanto, revela outro traço biográfico: sua pertença à Igreja estaria sempre na berlinda da tradição e heresia, “admitida” (a catecúmena) com “reservas”. Mas o mais revelador no texto é a imagem que a autora tem dos representantes da Igreja, ao usar, de forma irônica, os termos “doutores da Lei” – jogando com o sentido pejorativo que o termo teve na interpretação dos evangelhos, como aqueles que se opunham a Jesus na exegese das Escrituras e dos sinais dos tempos. A poetisa reconhece o *status* e autoridade da hierarquia religiosa, mas ao mesmo tempo utiliza de fina e sutil ironia para dizê-los em suas possíveis oposições à teologia que nasce do corpo e sentidos da autora.

O mesmo se evidencia em outro poema, que diz: “(...) Um bispo, quando tem zelo apostólico, é uma coisa charmosa. Não canso de explicar isso pro pastor da minha diocese, mas ele não entende e fica falando: ‘minha filha, minha filha’, ele pensa que *Woman’s Lib*, pensa que a fé ta lá em cima e cá em baixo é mau gosto só

3. PRADO, A catecúmena, p. 44.

(...)”⁴. O texto parece ser uma crítica ao bispo de sua diocese e o interessante é que Adélia abre o jogo, fala direto ao seu pastor (bispo). Com o extrato diz ela, pelo reverso, que muitos bispos não têm “zelo apostólico”. Contudo, o que mais chama a atenção é como ela define um bispo que tem “zelo”: como “uma coisa charmosa”. Chamar um prelado da Igreja de “coisa charmosa” é um apelativo sensual, carinhoso, que em nada costuma se aplicar a pessoas que ocupam tais cargos. Adélia não tem pudores em sua relação com a Igreja, A Igreja de seus sonhos é algo carnal, vivo, atrativo, que mexe com sentidos e sentimentos. É beleza sensitiva. Mas o bispo – como se esperaria – “não entende”. Seu modelo é outro, como outra costuma ser a Igreja. O bispo limita-se a ser, como de costume, paternalista, dizendo, nos interstícios, que aquela mulher, em sua inocente ignorância, pouco entende dos assuntos eclesiásticos: “minha filha, minha filha”. É esta a diferença entre a fé de Adélia e a da Igreja tradicional: a fé de Adélia se confunde com as coisas do mundo, do corpo e dos sentidos. Já o bispo (a Igreja institucional) pensa a fé desencarnada, lá em cima, coisas espirituais. “Cá em baixo”, para a Igreja, só a condenação da carne. Esta é a diferença da teologia pradiana em relação a da Igreja estabelecida.

A teologia de Adélia é plural, não dogmática: “Que a fonte da vida é Deus, há infinitas maneiras de entender”⁵. Nesta pluralidade defendida, Adélia não deixa de explicitar suas dúvidas, num misto de querer crer, não saber, e crer de fato, ao modo que lhe convier: “(...) Queria que nossa fé fosse como está escrito: ‘Aquele que crê viverá para sempre’. / Isto é tão espantoso que me retiro para meditar”⁶. Ela quer a fé, literal, mas não deixa de se assustar com certas pujanças dela. Ela tem uma fé crítica, que não tem medo ou vergonha de re-visitare dogmas e, muitas vezes, no fim, deixar uma mensagem ambígua sobre eles,

4. Cabeça, p. 71.

5 O modo poético, p. 78.

6. Regional, p. 166.

onde não se sabe bem o onde da fronteira da fé que se dobra ao mistério e a ironia sobre o mistério: “(...) Tudo é sonho e escândalo, congênita ambigüidade. / Se pudesse entender: o Filho de Deus é homem. / Mais ainda: o Filho de Deus é verbo, / eu viraria estrela ou girassol. O que só adora e não fala”⁷. Reconhece o mistério, mas não sem seu caráter de “sonho e escândalo” que, no fim das contas, só pode ser assentido com o “silêncio adorador”, mesmo assim, caso se “entenda” o mistério. Adélia luta em si, qual Jacó com o anjo/Deus, para assentir àquilo que não compreende, ou para receber a bênção de tal entendimento.

Para a poetisa, Deus e seu mistério está mais aqui que no céu ou em tratados metafísicos. Dogmas metafísicos, misteriosos, ela respeita, mas tem sua própria interpretação terrena sobre os mesmos:

(...) Jesus Nazareus Rex Judeorum. / Eu não sei o que é, mas sei que existe um grão de salvação escondido nas coisas deste mundo. / Senão, como explicar: o rosto de Jesus tem manchas roxas, / reluz o broche de bronze que prende as capas nos ombros dos soldados romanos. (...) A calça azul de seo Raul, pra mim, faz parte da Bíblia⁸.

Ironia. Não que ela não saiba os significados da inscrição latina, mas não o sabe para uma salvação que esteja fora desta vida, da vida vivida e sentida. A salvação anda por aqui, não em declarações sobre ela. A morte de Cristo, considerada salvadora, é coisa muito terrena e humana, assim como suas manchas roxas e as roupas dos soldados. Numa época em que a Teologia da Libertação começava a “dar as cartas”, Adélia se alinha a ela ao dizer: o que interessa não é o céu, mas a terra. E a vida das pessoas, sentida por Adélia, faz parte da história sagrada, que não é algo lá, mas aqui.

As doutrinas da Igreja nem sempre são as mesmas para o sentimento da autora. Juízo não é

7. A falta que ama, p. 204.

8. A poesia, a salvação e a vida, p. 216.

fogo, é paraíso, não é medo, é alegria, não é terrível, é beleza. “O que mais me lembra o dia do Juízo é um jardim ao meio-dia, / um jardim de rosas. (...) Quando Deus vier, quem nunca se permitiu a consolação das flores, / será tomado de ânsia de vômito; / porque o sinal será um perfume de rosas (...)”⁹. Adélia subverte a tal ponto o tradicionalmente crido, que provoca aqueles que pregam cinzas e espalham o odor do enxofre ao se referirem ao juízo. Estes se surpreenderão e terão “ânsia de vômito”, pois estavam já acostumados a odores putrefatos em suas teologias de morte e horror sobre o Deus julgador. Adélia, qual profetisa, aponta: eles não se permitem ver Deus de forma diferente. Assim, “Estão equivocados os teólogos / quando descrevem Deus em seus tratados”¹⁰.

Adélia preconiza um Deus e uma religião que tenham relação com o ser humano em suas necessidades e sentimentos terrenos.

(...) Eu quero amor sem fim. Deus dá? Eu quero comida quente. Deus dá? (...) De Deus assim não tenho medo e gosto / mas se Ele disser: / ‘vem pro Carmelo estudar Tomás de Aquino, Luzia rebelde’, / eu fico trêmula e pretenso de fazer cada uma mais maravilhante / de me tirar o tempo para ser feliz¹¹.

Deus bom é o comprometido com a vida e suas necessidades. Um Deus domesticado, em *Sumas* e mosteiros, dá medo e tira tempo de vida, de ser feliz. Para Adélia, a união com Deus não está fora da vida “normal”, mas nela e em todas as coisas dela, pois “(...) ‘goiaba é uma fruta abençoada’ (...) O Reino é dentro de nós, / Deus nos habita. Não há como escapar à fome da alegria”¹². Teopoética secular.

3. Um Deus erótico

Como um tumor maduro a poesia pulsa dolorosa, / anunciando a paixão: ‘Ó crux ave, spes única / Ó passiones tempore’. / Jesus tem um par de nádegas! Mais que Javé na montanha / esta revelação me prosta. / Ó mistério, mistério, suspenso no madeiro / o corpo humano de Deus. / É próprio do sexo o ar / que nos faunos velhos surpreendo, / em crianças supostamente pervertidas / e a que chamam dissoluto. / Nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando. / e dizer: eis a face do pecado. / Por séculos e séculos os demônios porfiaram / em nos cegar com este embuste. / E teu corpo na cruz, suspenso. E teu corpo na cruz, sem panos: olha para mim. / Eu te adoro, ó salvador meu / que apaixonadamente me revelas a inocência da carne. / Expondo-te como um fruto nesta árvore de execração / o que dizes é amor, amor do corpo, amor.”

(Festa do corpo de Deus)¹³

Aqui está a face mais forte da poesia religiosa pradiana: a mística erótica. Mística que já se encontrava em poemas de Juliana de Norwich, Hildegard de Bingen, Ângela de Foligno, Teresa de Ávila, João da Cruz, Sórora Juana Inez de la Cruz entre outros, cada um/a à sua moda e medida, sem citar o livro bíblico de *Cantares*. Adélia vê Deus em carne, corpo, seu relacionamento com Deus denota intimidade. E sua religião se expressa no gozo, no prazer e nos sentidos, sem ser vulgar ou obscena.

Adélia constata: o Cristo está nu. Todos vêem, mas se recusam a ver, falar ou pensar sobre isto. O Cristo nu da cruz, de tão visto e “lugar comum”, parece como vestido para os olhares já domesticados. Adélia aponta o que parece ser blasfemo: Deus está nu, é homem em Jesus e tem nádegas, vistas e proclamadas por uma mulher. E

13. O título da poesia – “Festa do corpo de Deus” – é sugestivo. Na Igreja Católica tal festa, de *Corpus Christi*, revela Jesus Cristo presente na hóstia consagrada. A hóstia – corpo de Cristo – é um tipo de pão branco, amorfo, sem formato de corpo. Adélia, entretanto, em sua poesia, aponta uma outra forma de entender a presença sacramental de Cristo: através do corpo em seus contornos e na nudez da cruz. Passa-se de uma visão espiritual e sem formas definidas sobre o corpo de Cristo para uma visão real – no sentido físico – do corpo de Cristo presente e comunicante.

9. PRADO, O ameno fato terrível, p. 272.

10. PRADO, A cicatriz, p. 392.

11. PRADO, Atalho, p. 234.

12. PRADO, A menina e a fruta, p. 254.

este homem-Deus nu olha para ela. E só vê escândalo nisto quem está cego pelo embuste do demônio, que inculcou nos humanos o chamar corpo, sexo, amor do corpo de pecado, perversão, crime. Mas não! A poetisa vê no corpo nu de Cristo seu sim e amém ao amor do corpo, à inocência do corpo e de seus sentidos. E isto é mais que *Javé* na montanha. É nova *epifania*, é revelação que nos prosta ante mistério tão divino: a inocência do carne. Deus tem um corpo. O corpo é divino. E divino – no sentido superlativo, não necessariamente ontológico – é o corpo, são as nádegas de Jesus. Adélia arrisca o êxtase que vai além do tema místico do casamento da alma com Deus. É o corpo que revela Deus e é o corpo que o percebe, em seu corpo. Uma mística mais que feminina!

Em Adélia a inocência da carne/corpo¹⁴ autoriza a inocência do sexo e do orgasmo. Alma, corpo, prazer se confundem em Deus, no ser humano e na relação entre ambos. “(...) Sei agora, a duras penas, porque os santos levitam. / Sem o corpo a alma de um homem não goza. / Por isto Cristo sofreu no corpo a Sua paixão, / adoro Cristo na Cruz”¹⁵. Novamente o tema da paixão aparece, e intimamente ligado à sexualidade, à mistura de dor e prazer, êxtase em corpo e alma. Na dor e no prazer – e uma está contida na outra – Adélia percebe e experimenta Deus.

A poetisa não esconde: “(...) é em sexo, morte e Deus, / que eu penso invariavelmente, todo dia. / É na presença d’Ele que me dispo, / e muito mais, d’Ele que não é pudico / e não se ofende com as posições do amor”¹⁶. Sexo, morte e Deus, para Adélia, não se dissociam. E ela se vê como sob o olhar de Deus (*Tudo que eu sinto esbarra em Deus*). Mas este olhar não é de desaprovação do amor carnal, nem moralista, mas consente no erotismo de posições amorosas. Sexo e Deus não

se excluem. Há sutil convivência. Deus mesmo é inspiração e tentação neste jogo místico-erótico em que o corpo é bênção e ponte ao paraíso: “Me tentam a beleza física, forma concreta dos lábios, / sexo, telefone, cartas, / o desenho amargo da boca do ‘*Ecce Homo*’”¹⁷. Veja que mais uma vez aparece o tema da paixão como inspirador da beleza e do amor do corpo. O paraíso, Deus, é *Eros*. Por isso é bom, por isso é Deus, por isso é céu. “Minhas fantasias eróticas, sei agora, / eram fantasias de céu”¹⁸. Nessa relação teorética, Adélia é a seduzida, e Deus o sedutor: “(...) Como existiram os santos, Deus existe / e com um poder de sedução indizível”¹⁹. Deus é um ser sedutor.

Adélia quebra barreiras moralistas da sua religião e da sua época: “Um homem do mundo me perguntou: / o que você pensa de sexo? / Uma das maravilhas da criação, eu respondi. / Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas / e esperava que eu dissesse maldição, / só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade”²⁰. Como diz o nome da poesia – “Entrevista” – Adélia dá conta de uma pergunta que lhe fizeram em alguma palestra, entrevista ou em sala de aula. A questão que ela quer apontar é que a santidade, a união com Deus, as coisas do céu e da religião têm relação e carregam em si, de forma bela e aprovada, o sexo e o prazer. Esta idéia que, segundo ela, encontra resistência e mal entendidos, pois, por ter dito ao “homem do mundo” – ironia para dizer que quem não vive religião não entende que prazer e Deus podem conviver – que o destino humano é a santidade, este homem esperava, em sua lógica, que o sexo fosse “maldição”.

A vida vem pelo sexo, não só na concepção como, também, no dar à luz. Se a vida, dom de Deus, se desenvolve por tais meios, e se o amor sexual entre duas pessoas, que gerarão nova vida,

14. Ao que parece, a autora não faz a diferença paulina entre corpo (*somma*) e carne (*sarx*). Para ela corpo e carne são sinônimos, como no Credo Apostólico na versão católica: “Creio na ressurreição da carne”.

15. PRADO, A terceira via, p. 348.

16. O modo poético, p. 77.

17. Ausência da poesia, p. 189.

18. Trottoir, p. 244.

19. Cacos para um vitral, p. 246.

20. Entrevista, p. 212.

é fruto do aspecto do amor chamado *eros*, é natural que se diga: "(...) Entre as pernas geramos e sobre isso / se falará até o fim sem que muitos entendam: erótico é a alma"²¹.

Para a poetisa, o corpo é tão fundamental que até seres incorpóreos, como anjos, têm os contornos do charme corporal: "Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira"²². Religião é sensualidade. Inclusive aquilo que parece ser o mais formal, rígido, respeitoso na religião, é um sinal de corpos que, em gestos e símbolos, exalam sensualidade: "O que há de mais sensual? Os monges no cantochão."²³. A poetisa tem em si um sentimento/visão do mundo e de Deus mediatizado pelo desejo – no sentido sensual ou sexual: "Tanto faz funeral ou festim / tudo é desejo o que percute em mim"²⁴.

Mas, como veremos mais detidamente em outro momento, Adélia carrega em si, também, um outro traço teológico, que reflete uma teologia que sente cheiro de inferno em tudo que roça a carne. O pecado, vez ou outra, ainda ronda os conceitos e vontades de Adélia quanto ao corpo e os sentidos. Diz ela: "Se olho atentamente a erva no pedregulho / uma voz me admoesta: mulher! Mulher! / Tenho missão tão grave sobre os ombros / e quero só vadiar. / (...) Ó Deus, cujo Reino é um festim, / a mesa dissoluta me seduz, / tem piedade de mim"²⁵. Embora tal poesia tenha relação com comida, há a vinculação com a tensão entre chamado e fuga, no tocante ao corpo. Adélia sente um chamado especial de Deus. Para quê? Talvez uma vida de auto-doação, desprendida, santa no sentido tradicional. Mas, aqui, onde ela vê e reconhece o Deus da tradição, ela confessa que quer mesmo é vadiar, se soltar, ter menos dever e mais prazer. Reconhece que o Reino é como festa, mas diz que a festa que a

seduz não é comedita. E, no simbolismo da comida, afirma que seus pais "pecaram exatos pecados, voz nenhuma os perseguiu"²⁶. Adélia, que "peca" mais que o permitido, sente a mão de Deus, seu olho e a repressão. Nela convivem a mulher libertária, que ousa identificar o Reino e Deus com o prazer do corpo e sua inocência e, ainda, a mulher que carrega como herança o mesmo Deus, mas em sua forma mais tradicional, que condena usos e abusos. A ambivalente tensão do novo inaudito e do antigo sentir Deus convivem em Adélia.

Poderíamos finalizar a expressão teológica de Adélia citando:

É inútil o batismo para o corpo, / o esforço da doutrina para ungir-nos, / não coma, não beba, mantenha os quadris imóveis. / Porque estes são pecados do corpo. / À alma sim, a esta batizai, crismai, / escrevei para ela a Imitação de Cristo. / O corpo não tem desvãos, / só inocência e beleza, / tanto que Deus nos imita / e quer casar com sua Igreja / e declara que os peitos de sua amada / são como os filhos gêmeos da gazela. / É inútil o batismo para o corpo. / O que tem suas leis as cumprirá. / Os olhos verão a Deus ²⁷.

Embora Adélia use a palavra pecado, a usa por costume – ao menos aqui. O corpo, como se depreende acima, é "só inocência e beleza". O próprio Deus preconiza, em metáfora, uma união corporal com a Igreja. É ao corpo, aos olhos, que está prometida a bem-aventurança da visão de Deus. Quem o vê como pecado é a Igreja e sua doutrina, que em vão tentam batizá-lo afim de controlá-lo em suas paixões e desejos. É a alma que precisa da conversão. O interessante, aqui, é a inversão, pois na teologia tradicional foi sempre o corpo que precisou da conversão e dos sílícios, penitências, disciplinas monásticas da *Imitação de Cristo*. Em Adélia o corpo apenas cumpre suas leis, boas e criadas por Deus.

21. Disritmia, p. 57.

22. Com licença poética, p. 11.

23. Gregoriano, p. 225.

24. Fibrilações, p. 310.

25. A boca, p. 243.

26. Idem.

27. Deus não rejeita a obra de suas mãos, p. 318.

4. Ira, angústia e libertação: a luta entre o velho Deus e a velha Adélia

Deus não me dá sossego. É meu aguilhão. / Morde meu calcanhar como serpente, / faz-se verbo, carne, caco de vidro, / pedra contra a qual sangra a minha cabeça. / Eu não tenho descanso neste amor. / Eu não posso dormir sob a luz do seu olho que me fixa. / Quero de novo o ventre de minha mãe, / sua mão espalmada contra o umbigo estufado, / me escondendo de Deus (A filha da antiga lei).

Nem tudo é tão claro e resolvido na relação de Adélia com Deus. Ao contrário, pois Adélia sente, em si, o Deus que também adverte e pune. Como se depreende do título da poesia acima, a poetisa também se reconhece como presa às antigas visões e sentimentos a respeito de Deus. É “cristã nova”. Sente-se qual Eva, perseguida pelo pecado, merecedora do castigo prometido ao calcanhar da mulher (Gn 3.15). A poetisa “não tem descanso neste amor”. Um amor a Deus e à vida que traz em seu bojo a ambigüidade de uma mulher liberta ao novo e presa ao velho. A mulher que anuncia um Deus de carne, um Deus que mexe com paixões, um Deus sensual, é a mesma que sente o “olho” de Deus a vigiá-la, recriará-la, puni-la. Em si, Adélia reflete o paradigma tradicional vital da oscilação entre *Eros* e *psique*, entre *Eros* e *pneuma*. O ser humano que ora une carne e espírito, ora os opõe. E, quando a velha lei aflora, para onde ir longe da presença terrível de Deus (Sl 139. 7s)? Talvez, como Jeremias, fosse melhor não ter nascido ou amaldiçoado o vir à luz (Jr 20.14). Vir à luz dos olhos terríveis de Deus! Adélia, mulher de dois mundos!

Para a poetisa, a vigilância de Deus é mais que uma doutrina aprendida e apreendida. É furor real, sentido na carne. É Ira. “(...) O que entendo de Deus é a sua Ira, / não tenho outra maneira de dizer”²⁸. Adélia escreve a palavra Ira no maiúsculo. Não é qualquer ira. Ela sente o Deus que cura e castiga. Um Deus não manipulável, de humores

e de relações também desarmônicas ou intestinas com o ser humano. “(...) Ó dura mão de Deus com seu chicote, / ó palavra de tábua me ferindo o rosto”²⁹. “Palavra de tábua”, o chicote da lei (mosaica?) de Deus. “Não adulterarás”, mais tarde re-dito: “quem olhar com intenção impura para uma mulher, no coração já adulterou com ela” (Mt 5.28). Parece ser a lei, introjetada na poetisa e conflitante com seus desejos, que faz Adélia sentir a “tábua” a lhe ferir o rosto. “(...) Preciso me confessar ao homem de Deus: / cometi gula, ansiei pelo detalhe das fraquezas alheias / e mesmo tendo marido explorei meu corpo. / (...) Minha alma quer copular”³⁰. Esses são seus pecados, a acender a pira da Ira de Deus. Pecados do ventre e do baixo ventre. Da curiosidade cruel. Aquilo que mais gosta, o prazer do palato e do gozo, é aquilo que a aproxima de Deus e, paradoxalmente, a afasta dele.

A poetisa, tal qual os místicos, sente a sua noite escura dos sentidos. E são as trevas uma presença de Deus. A “graça da desolação” (Inácio de Loyola): “(...) A mão de Deus que me mói e me larga na treva”³¹. Sentir Deus é mais que experimentar seu amor e cuidado. É viver seu lado *noir*. É sentir um Deus que bate e larga. Não cura, mas abre ferida. Não ilumina, escurece. Um Deus *sub contrario*. Adélia não tem ilusões sobre Deus. Se Deus é o ápice do *Eros*, também o é do *tanatos*. “(...) Tudo me está vedado, / não há lugar para mim, / parece que Deus me bate, / parece que me recusa, / pedir auxílio é pecar, / não pedir é loucura, / é consentir no auxílio do diabo”³². Um Deus indisponível, embora presente. Um Deus que está aí, mas se recusa. Que idéia mais desoladora e desesperadora que esta? Ter Deus e não tê-lo!

Esta crise em Deus, este sentir sua mão de toneladas, dá lugar ao suspiro sussurrado: “(...) O Espírito de Deus é misericordioso, / vai desertar

28. Disritmia, p. 57.

29. De profundis, p. 72.

30. Nem um verso em dezembro, p. 157.

31. A carne simples, p. 221.

32. O bom pastor, p. 336.

de mim pra eu poder descansar, / vai me deixar dormir”³³. Às vezes é esse o desejo da poetisa e de todo humano: que Deus deixe-nos de sua presença por demais divina. Como o humano, tão humano que é, pôde suportar, diuturnamente, a presença *numinosa* de Deus? Adélia inverte o que seja piedade divina. Sua misericórdia é justamente possibilitar um descanso do divino, o deixar viver o humano humanamente, literalmente. É bem verdade que Deus não quer ou assim não pensa. Deixar o humano a sós seria “desertar” de sua missão divina. Mas Adélia pede que Deus seja mais que Deus. Que seja tal a misericórdia, que “deserte de mim”. O ser humano também precisa descansar de Deus.

5. O senso da igreja como morada e a ressurreição esperada: a fiel filha da igreja

Igreja é o melhor lugar. / Lá o gado de Deus pára pra beber água, / rela um no outro os chifres / e espevita seus cheiros / que eu reconheço e gosto, / a modo de um cachorro. / É minha raça, estou em casa como no meu quarto. / Igreja é casamata de nós. / Tudo lá fica seguro e doce, / tudo é ombro a ombro buscando a porta estreita. / (...) Está cheia de sinais, palavra, / cofre e chave, nave e teto aspergidos / contra vento e loucura. / Lá me guardo, lá espreito a lâmpada que me espreita, / adoro o que me subjuga a nuca como a um boi (Sítio).

Adélia é filha da Igreja, católica de coração. Sua poesia em relação à Madre é acre-doce, ora mais acre, ora mais doce. Em sua teologia poética, que vislumbra a face erótica de Deus e sua Ira ao mesmo tempo, em núpcias místicas entre carne e espírito, a poetisa não deixa de dizer o *locus* de sua experiência: a Igreja. E a Igreja em toda tradição que ela encerra. A Igreja é lugar para serenar a alma e o corpo, a vida. Lugar de encontro, de lembranças e cheiros da infância, ventre de Deus. É potreiro, mangueira, curral, onde há farelo e água, corpo e sangue de Deus. Lugar de encontro, de reconhecimento, de

família(s), o lar do aconchego. Mais, é “casamata de nós”, é o lugar mais íntimo onde possamos estar. E por que tanto aconchego? Porque a Igreja “está cheia de sinais”. A liturgia, os gestos, o cheiro do incenso, o frescor da água benta aspergida, a arquitetura, os santos a nos olhar. Tudo isso é familiar, seguro, protetor. Estar lá é proteger-se da loucura gerada pela falta de sinais, pelo vazio de sentidos, pelo iconoclasmo da vida sem Deus e sem seu séquito, pela solidão da falta de cheiros e lembranças reconhecíveis. Na Igreja não há lugar para a solidão. A chama acesa sobre o santíssimo sacramento chama para a vida que lá se esconde: Deus está sempre presente. Deus espreita aqueles que o espreitam. Há presença e o calor da flâmula vermelha, a dizer: aqui há fogo, há vida. A relação é de adoração. E, o mais paradoxal: se adora o que subjuga. A sensação de estar dominada, detida, seduzida, refém. O êxtase é fruto desta alquimia.

A mais bela promessa, de Jesus e da Igreja, é, para Adélia, a ressurreição. A poetisa sente o peso do corpo, dos anos, dos sofrimentos, da vida. E, no horizonte, nutre na ressurreição sua mais bela esperança.

As coisas tristíssimas, o rolo mag, o teste de Cooper, / a mole carne tremente entre as coxas, / vão desaparecer quando soar a trombeta. / Levantaremos como deuses, / com a beleza das coisas que nunca pecaram, / como árvores, como pedras, / exatos e dignos de amor. / Quando o anjo passar, / o furacão ardente de seu vôo vai secar as feridas, / as secreções desviadas de seus vasos e as lágrimas. / As cidades restarão silenciosas, sem um veículo: / apenas os pés de seus habitantes / reunidos na praça, à espera de seus nomes (O dia da ira).

Tudo se aquietará quando o anjo passar. As dores, as dúvidas, a agitação. Tudo será como deve ser: exato, sem os descontornos da imperfeição e do sofrimento. A poetisa anseia pelo perfeito, pelo pleno. “Quem me livrará deste corpo de morte” (Rm 7.24). A escatologia de Adélia é feita de pranto e desejo. É a face de sua personalidade entre o amor exacerbado e o frio da alma sob a Ira de Deus.

33. Vigília, p. 39.

Mas seu céu é muito humano, e não poderia ser diferente numa pessoa que vive e externa tão pungentemente sua humanidade. Não é céu de anjos. Para Adélia, a felicidade está nas coisas da vida, desta vida. Com uma diferença: "(...) como será a ressurreição da carne? É como nós já sabemos, eu lhe disse: / tudo como é aqui, mas sem as ruindades"³⁴. Para a poetisa, Deus quer e gosta é desta vida. Afinal, "se foi pra desfazer, por que é que fez?" (Vinícius de Moraes). Então, é só tirar as "ruindades" e resolvido estará. A vida com Deus é sensação do corpo. Eternidade é o corpo elevado ao impossível. "(...) 'Um dia veremos a Deus com nossa carne'. / Nem é o espírito quem sabe, / é o corpo mesmo, / o ouvido, / o canal lacrimal, / o peito aprendendo: respirar é difícil"³⁵.

A mais bela poesia de Adélia é esta: celebrar a esperança do corpo. Deus é corpo, Deus quer corpos. E este é o mistério – tipo *Asas do desejo*, de Wim Wenders³⁶: enquanto humanos buscam o espírito, Deus, ou seus anjos, busca(m) o corpo, com todos os feixes humanos que ele contém. Adélia entendeu. E fez da vida do corpo, dela e de Deus, a sua poesia.

Conclusão

Muito já se disse e escreveu sobre Adélia Prado. E muito ainda se dirá e escreverá. Teses acadêmicas (vide bibliografia) procuram perscrutar sua poesia e prosa e, a partir delas, visibilizar o frescor que sua alma mineira, tradicional e vanguardista aa mesmo tempo, lança sobre o cotidiano da mulher, da religião, do corpo. Mas, tal qual o Espírito que sopra onde quer e como quer, de que fala a Bíblia, Adélia parece não se conter no que dela dizem. Sua relação de mulher mineira com Deus, com a Igreja e com o corpo é permeada de liberdade, de gozo, de imaginação. E é característica do gozo e da imaginação a liberda-

de, o não ter que dar satisfações. E, como a poesia não se domestica, escrever sobre a obra de Adélia é sempre limitá-la, fazê-la menos, porquanto ela é mais. Poesia se goza, se vive. Esta é sua natureza, sem mensura.

Entrementes, como não é protocolar que um comentário crítico fique sem conclusão, ofereço, modestamente, a minha. E ela é a seguinte: em Adélia Prado, Deus se encarna efetivamente. Não uma encarnação cuidadosa, imaculada, meticulosa, sem pecado, uma encarnação sob limites. O Deus de Adélia é o Deus que se encarna de fato, o Deus do *pathos*, que se mistura à carne, aos sentidos, à vida e a tudo que ela encerra. E a religião, ou melhor, o ser religioso que ela preconiza e vive tem relação com aquilo que Deus mais é e se tornou para ser: o humano em seus sentimentos e em suas contradições. Para Adélia, segundo nossa leitura, Deus e a religião são vida. Mas não vida entre aspas, idealizada ou controlada. É o próprio caminho do viver.

Bibliografia

OBRAS DE ADÉLIA PRADO

POESIA

1. *Bagagem*. São Paulo: Imago, 1976.
2. *O coração disparado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
3. *Terra de Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
4. *O pelicano*. Rio de Janeiro, 1987.
5. *A faca no peito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
6. *Oráculos de maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

PROSA

1. *Solte os cachorros*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
2. *Cacos para um vitral*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
3. *Os componentes da banda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
4. *O homem da mão seca*. São Paulo: Siciliano, 1994.
5. *Manuscritos de Felipa*. São Paulo: Siciliano, 1999.
6. *Filandras*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Record, 2001.

ANTOLOGIA

1. *Mulheres & Mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
2. *Palavra de Mulher*. Fontana, 1979.

34. Fé, p. 121.

35. Gregoriano, p. 225.

36. O título original do filme, produzido em 1987, é *Der Himmel über Berlin* (O céu sobre Berlim).

3. *Contos Mineiros*. São Paulo: Ática, 1984.
4. *Poesia Reunida (Bagagem, O Coração Disparado, Terra de Santa Cruz, O pelicano e A faca no peito)*. São Paulo: Siciliano, 1991;
5. *Antologia da poesia brasileira*, Embaixada do Brasil em Pequim, 1994.
6. *Prosa Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1999.

EM PARCERIA

1. *A lapinha de Jesus*, com Lázaro Barreto. São Paulo: Vozes, 1969.

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

1. *A poesia mineira no século XX*. Assis Brasil (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1998.
2. *Palavra de mulher*, Maria de Lurdes Hortas (org.), Rio de Janeiro: Fontoura, 1989.